

# Dias de guerra em Joinville: uma cidade de colonização alemã no contexto do Brasil na Segunda Guerra Mundial (1942-1945)

Days of war in Joinville: a  
German colonized city in the  
context of Brazil in the World  
War II (1942-1945)

Días de guerra en Joinville:  
una ciudad de colonización  
alemana en el contexto de  
Brasil en la Segunda Guerra  
Mundial (1942-1945)

**Wilson de Oliveira Neto<sup>1</sup>**

**Resumo:** a Segunda Guerra Mundial é uma referência importante na história do século XX, sendo evocada pela memória e representada no patrimônio histórico e na historiografia. O objetivo deste trabalho é analisar o cotidiano da cidade de Joinville durante a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial, entre 1942 e 1945. Documentos oficiais, jornais, cartas, fontes orais, fotografias e bibliografias foram consultados. A metodologia consistiu na crítica e no cruzamento das informações obtidas na pesquisa. Embora predomine na memória social joinvilense reminiscências de um tempo de guerra marcado pela proibição do uso da língua alemã, pelo recrudescimento das medidas de nacionalização e pela perseguição da comunidade teuto-brasileira local, os reflexos da Segunda Guerra Mundial em Joinville e municípios vizinhos foram mais diversificados e envolveram diversas ações de mobilização da sociedade civil para o estado de guerra e suas contingências, bem como de introdução de um regime de comunicação de imprensa voltado para a causa aliada, tendo na guarnição local do Exército Brasileiro e na imprensa seus principais meios de veiculação. Ao mesmo tempo, ocorreu a convocação de cidadãos locais para servirem nas patrulhas das praias do litoral norte de Santa Catarina e na Força Expedicionária Brasileira (FEB), durante a participação do Brasil na Campanha da Itália (1944-1945).

**Palavras-chave:** segunda guerra mundial; Brasil; cotidiano.

**Abstract:** The World War II is an important reference in the history of the 20th century, being evoked by memory and represented in historical heritage and historiography. The objective of this work is to analyze the daily life of the city of Joinville during Brazil's participation in the Second World War, between 1942 and 1945. Official documents, newspapers, letters, oral sources, photographs and bibliographies were

consulted. The methodology consisted of criticizing and crossing information obtained in the research. Although reminiscences of a time of war marked by the prohibition of the use of the German language, the resurgence of nationalization measures and the persecution of the local German-Brazilian community predominate in Joinville's social memory, the consequences of the Second World War in Joinville and neighboring municipalities were more diversified and involved several actions to mobilize civil society towards the state of war and its contingencies, as well as the introduction of a press communication regime aimed at the allied cause, with the local garrison of the Brazilian Army and the press as its main means of communication. placement. At the same time, local citizens were called up to serve in the patrols of the 13th Battalion of Riflemen on the shores of the north coast of Santa Catarina and in the Brazilian Expeditionary Force (FEB), during Brazil's participation in the Italian Campaign (1944-1945).

**Keywords:** world war II; Brazil; daily.

## Introdução

Certa vez, quando o autor deste artigo era criança, durante um desfile civil-militar de 07 de Setembro, no centro da cidade de Joinville, ele testemunhou sua bisavó Anna, chamar a atenção de uma senhora que estava ao seu lado: “A senhora trate de falar português, pois hoje é dia do Brasil, não da Alemanha”. Até hoje, na família do autor, esse fato é recordado nas reuniões familiares e serve de argumento para o “gênio forte” da bisa Anita, que não gostava de alemães. Anna de Oliveira Macedo nasceu em 21 de abril de 1915, em Joinville. Ela faleceu no final da tarde do dia 15 de setembro de 2006, aos 91 anos de idade. Uma longeava que, em 1939, quando do início da Segunda Guerra Mundial, tinha apenas 24 anos de idade, embora casada e com duas filhas pequenas.

A Segunda Guerra Mundial e seus efeitos no cotidiano joinvilense fizeram parte das memórias de Anna, que costumava lembrar da proibição do uso da língua alemã na cidade e de pessoas próximas “que defendiam Hitler”. Uma de suas irmãs mais novas, Lauda Oliveira da Luz Fontes (1921-2024) se formou na primeira turma de Samaritanas da Cruz Vermelha de Santa Catarina, em 16 de setembro de 1942, no contexto do ingresso do Brasil no conflito<sup>2</sup>. As histórias de Anna e Lauda vão ao encontro do que escreveu Reinhart Koselleck (2014) a respeito das guerras mundiais, segundo o qual elas marcaram a consciência de todos os seus contemporâneos, embora, pondera o autor, que elas não foram sentidas da mesma forma entre essas pessoas, pois “o condicionamento é diferente se as experiências de guerra ocorreram na infância, na juventude, na maturidade ou em idade avançada. Muda o modo de recepção” (Koselleck, 2014, p. 249).

Com uma população estimada em mais de 600 mil habitantes, Joinville é a maior cidade do nordeste de Santa Catarina, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2024), cuja história está, em parte, relacionada à colonização de povos de língua alemã, durante o século XIX. Como em outros lugares do Brasil ligados à imigração germânica, a Era Vargas (1930-1945) e, principalmente, a Segunda Guerra Mundial são referências importantes em suas memórias e histórias, inclusive durante os anos do pós-

guerra, conforme constataram trabalhos, tais como de Janine Gomes da Silva (2008) e Sandra Paschoal Leite de Camargo Guedes, Wilson de Oliveira Neto e Marília Gervazi Olska (2008).

Mas, que ocorreu em Joinville durante o conflito que fez com que essa guerra se tornasse uma referência? Se, conforme Koselleck (2014), as guerras mundiais provocaram rupturas nas experiências das pessoas que as vivenciaram em uma intensidade inédita ao ponto de marcar suas consciências, de quais formas a Segunda Guerra Mundial se fez presente no cotidiano joinvilense?

O objetivo deste trabalho é analisar os reflexos desse conflito, especialmente após a declaração brasileira de guerra, em 31 de agosto de 1942, em Joinville e municípios vizinhos, como por exemplo, São Francisco do Sul, no litoral, e São Bento do Sul, no alto da serra Dona Francisca, a partir da consulta de um conjunto variado de fontes primárias relacionadas ao cotidiano da cidade: cartas, fotografias, papelaria postal, periódicos e documentos oficiais produzidos por entidades como o 13º Batalhão de Caçadores (atual 62º Batalhão de Infantaria), que durante a Segunda Guerra Mundial gozaram de prestígio e exerceram autoridade sobre a sociedade joinvilense. Também foram examinadas as transcrições de entrevistas orais com pessoas que foram contemporâneas ao conflito salvaguardadas nos acervos do Arquivo Histórico de Joinville (AHJ) e do Laboratório de História Oral (LHO) da Univille Universidade.

Os dados históricos coletados nesse conjunto de fontes foram organizados em um banco de dados formado por fichas de conteúdos e imagens que foram contextualizados, criticados e interpretados a partir de uma abordagem que a literatura sobre metodologia da pesquisa costuma classificar como qualitativa (Minayo; Sanches, 1993).

Porém, como é de conhecimento entre os historiadores, as fontes históricas não surgiram como fontes, mas se tornaram fontes. Portanto, elas possuem naturezas e usos originais, cuja erudição deve ser conhecida pelo pesquisador, sob o risco de cometer anacronismos ou de leituras superficiais que não avançam para o além do que os olhos enxergam. Daí, a necessidade de uma aprofundada

revisão bibliográfica que foi realizada pelo autor, conforme orientam Alves-Mazzotti e Gewandsznajder (2004).

Embora predomine na memória social joinvilense reminiscências de um tempo de guerra marcado pela proibição do uso da língua alemã, pelo recrudescimento das medidas de nacionalização e pela perseguição da comunidade teuto-brasileira local, os reflexos da Segunda Guerra Mundial em Joinville e municípios vizinhos foram mais diversificados e envolveram várias ações de mobilização da sociedade civil para o estado de guerra e suas contingências, bem como da introdução de um regime de comunicação de imprensa voltado para a causa aliada, tendo na guarnição local do Exército Brasileiro e na imprensa seus principais meios de veiculação. Ao mesmo tempo, ocorreu a convocação de cidadãos locais para servirem nas patrulhas do 13º Batalhão de Caçadores nas praias do litoral norte de Santa Catarina, no contexto da Campanha do Atlântico (1942-1945), e na Força Expedicionária Brasileira (FEB), durante a participação do Brasil na Campanha da Itália (1944-1945).

Esses e outros resultados serão apresentados e discutidos a seguir, ao longo de três tópicos que abordaram, respectivamente, o recrudescimento das medidas de nacionalização em Joinville e a perseguição aos cidadãos do Eixo residentes na cidade, as campanhas e os esforços da imprensa local em retratar o município, que apesar das suas origens germânicas, estava em plena sintonia com o esforço de guerra brasileiro e, por fim, as atividades do antigo 13º Batalhão de Caçadores em tempo de guerra, com destaque para as patrulhas realizadas nas praias de São Francisco do Sul, município vizinho de Joinville, e o recrutamento e envio de um contingente de cidadãos-soldados locais para servirem na Força Expedicionária Brasileira (FEB).

### **Uma época ruim para ser alemão**

Estima-se, que entre os anos de 1820 e 1970, emigraram para o Brasil aproximadamente 5.600.000 pessoas, a maioria oriunda da Europa, segundo informa Giralda Seyferth (1990). Foram diversas as culturas e as nacionalidades desses imigrantes que foram assentados em áreas rurais ou instalados em zonas

urbanas, especialmente nas regiões Sudeste e Sul do país. As populações que, genericamente, chamamos de alemães fizeram parte desse contingente<sup>3</sup>.

Como ocorreu com outras nacionalidades que emigraram para o Brasil, a história da colonização alemã, em particular, no Sul do país, envolveu a formação de comunidades étnicas, cujos modos de vida possuíram traços culturais germânicos, expressos e mantidos de diversas maneiras, como por exemplo, por meio do associativismo, da imprensa, da língua, dos saberes, entre outras práticas e representações. Desde o século XIX, essas características foram fontes de conflitos entre os membros das comunidades teuto-brasileiras e as autoridades públicas civis e militares. Em Santa Catarina, o assunto já é deveras conhecido por uma historiografia consolidada, com destaque para os trabalhos de Luiz Felipe Falcão (2000) e Marlene de Fáveri (2024).

As guerras mundiais acirraram esses conflitos no estado. Porém, este estudo arrisca afirmar que foi durante o final da década de 1930 e 1945, nos contextos da Campanha de Nacionalização (1938) e da participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial (1942 – 1945), que os conflitos entre teuto-brasileiros, alemães e autoridades públicas civis e militares em Santa Catarina atingiram a maior gravidade, conforme foi possível constatar nas fontes primárias consultadas pelo autor e na bibliografia existente sobre o assunto, com destaque para os trabalhos de Falcão (2000) e Fáveri (2024).

O primeiro semestre de 1942 foi marcado pelo rompimento das relações diplomáticas do Brasil com as potências do Eixo. Em consequência, o Lloyd Brasileiro entrou na mira das *blitzen* dos submarinos alemães em guerra no Atlântico. A intensificação de um sentimento anti-alemão foi uma das consequências desse contexto que antecedeu a entrada do Brasil na guerra, em agosto daquele ano. Porém, em Joinville, a situação foi agravada na medida em que a cidade foi um dos alvos da Campanha de Nacionalização, desencadeada em 1938 no Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul (Coelho, 2005).

Além do cotidiano marcado pelo recrudescimento das medidas de nacionalização, o dia a dia joinvilense, assim como em outras cidades de Santa

Catarina, tal como foi pesquisado por Fáveri (2024), também foi pautado pela vigilância e perseguição aos alemães radicados na cidade, assim como sua população de origem alemã, denominada neste artigo de teuto-brasileira, que aos olhos do Estado brasileiro eram cidadãos do Brasil, mas que, sob a óptica do governo da Alemanha, eram alemães étnicos, *Volkdeutsch*.

Se até 31 de agosto de 1942, essas populações eram encaradas com certa desconfiança e consideradas arredias aos sentimentos pátrios, a partir do envolvimento do Brasil com o conflito, a situação piorou, pois passaram a ser vistas como inimigas, especialmente, os alemães. A partir de uma mistura de fatores, alemães nazistas, pangermanistas (nome com pelo qual o nacionalismo de língua alemã é historicamente conhecido) e mesmo aqueles que não tinham nada a ver com essas ideologias políticas foram considerados a mesma coisa e tratados como ameaças em potencial, que tiveram bens materiais apreendidos, assim como sua mobilidade geográfica restringida, a exemplo dos senhores Bernhard Armin Max Grosse e Wolfgang Kohls, ambos comerciários, que na condição de estrangeiros residentes no Brasil, tiveram de obter salvos-condutos especiais emitidos no começo de 1945 para suas viagens intermunicipais (Grosse, 1945; Kohls, 1945).

Vale acrescentar que, além das medidas previstas pela Campanha de Nacionalização, a partir de 1942, as populações alemã, italiana e japonesa residentes no Brasil também tiveram alguns dos seus direitos flexibilizados por meio dos Decretos-Lei números 4.166, 4.638 e 4.937, respectivamente, de 11 de março, 31 de agosto e 09 de novembro de 1942.

Em Joinville, os salvos-condutos eram emitidos pela Delegacia Regional de Polícia, sendo assinados pelo Delegado Regional de Política. Os salvos-condutos de Grosse (1945) e Kohls (1945) tiveram, respectivamente, 30 e 60 dias de validade e poderiam ser renovados caso necessário. No caso de Wolfgang Kohls (1945), seu destino era o município de Caçador, em Santa Catarina. Conforme orienta o documento, em caso de o portador permanecer por mais de 24 horas no lugar de destino, ele teria de se apresentar à Delegacia de Polícia local para receber um visto da autoridade responsável. Sobre o verso do salvo-conduto de

Kohls (1945), sua presença em Caçador foi validada pelo Delegado de Polícia Paulino F. Leão, no dia 24 de fevereiro de 1945.

A proibição dos usos público e privado da língua alemã, as delações, as prisões e as apreensões de bens materiais fizeram parte do cotidiano da guerra entre os alemães residentes em Joinville, bem como a própria comunidade teuto-brasileira, que evidencia o tratamento dado aos inimigos internos. A senhora Annelise Grosse (2000), ao recordar os tempos de guerra, narra a difícil situação vivenciada por alemães e teuto-brasileiros em Joinville. Além da proibição de falar alemão em público, ela cita os casos de policiais e soldados que espionavam residências suspeitas de falar em língua alemã. Ela ainda recorda dos inconvenientes salvos-condutos que ela e o marido tinham de retirar na Delegacia de Polícia para realizarem viagens, mesmo em cidades próximas de Joinville, como por exemplo, São Bento do Sul. Para ela, houve uma diferença nas relações entre alemães, suas famílias e o restante da população joinvilense, depois da entrada do Brasil na guerra:

Havia uma diferença sim, porque depois houve uma inimizade. Os “lusos”, vamos dizer assim, ficavam conta tudo que era alemão. Não entendo como as pessoas se deixam influenciar pela mídia, acho que pelos jornais, rádio (naquele tempo não tinha muito). Mas houve uma hostilidade, em que uns eram amigos, de repente mal se cumprimentavam. Não vou dizer que em geral, mas tinha essa inimizade. Principalmente, do Exército (Annelise Grosse, 2000, p. 2).<sup>4</sup>

O trecho citado elucida parte do dia a dia da guerra em Joinville. Há fatos no depoimento de Annelise Grosse (2000) que também foram mencionados em outros depoimentos orais sob a guarda do Arquivo Histórico de Joinville (AHJ), sendo os casos das entrevistas concedidas por E. Lenschow e M. Lenschow (2000)<sup>5</sup>, A. Maia (2000<sup>6</sup>), V. Meyer (2000)<sup>7</sup> e O. Merckle (2000)<sup>8</sup>.

Entre as autoridades e instituições citadas pelos depoentes, o Exército foi recordado como mais hostil a tudo o que fosse considerado alemão ou, pelo menos, de origem alemã. Mas, a recíproca é verdadeira, pois nos discursos

enunciados pelo 13º BC, são comuns menções às resistências do meio local à brasiliidade, “[...] impregnado de ideologias exóticas contrárias ao bem-estar e à segurança nacional [...]”, como citado em um elogio feito ao trabalho nacionalizador em Joinville realizado pelo Coronel Aché, publicado no Boletim Interno de 07 de julho de 1942. Há nos Boletins Internos do 13º BC outras evidências de choques entre seus efetivos e a população local de origem alemã, como em uma solução do Inquérito Policial Militar (IPM) a seguir:

No Inquérito Policial Militar a que mandei proceder pelo Capitão Numa Brasil Lobo de Oliveira, dei a seguinte solução:

1 - Pela conclusão das averiguações policiais que mandei proceder, verifica-se que o fato apurado constitui crime da competência dos tribunais civis, não havendo, por parte do Sargento Bruno Scheibel e dos soldados que o acompanharam, nenhuma transgressão disciplinar.

A atitude da mulher Alvina Kneipper é, sobre todos os aspectos condenável, pois agrediu, sem motivo, um sargento do Exército; proferiu insultos, em língua cujo uso está proibido, às praças do Exército e ainda não atendeu a pacífica intervenção de um oficial, contra quem atiçou um cachorro e pronunciou insultos.

2 - Determino, pois, sejam estes autos remetidos com a possível urgência, por via hierárquica, ao Exmo. Snr. General Comandante da 5ª Região Militar, de acordo com o [parágrafo] 3º do artigo 117 do Código de Justiça Militar (13º Batalhão de Caçadores, 1942a, p. 219).

As prisões de cidadãos alemães e teuto-brasileiros foram comuns, sendo, inclusive, noticiadas pela imprensa, conforme informa a matéria “Presos quando falavam alemão no Café Ravache”, publicada no Jornal de Joinville, de 16 de outubro de 1943. As pessoas detidas eram encaminhadas ao 13º BC. Dependendo da gravidade do motivo da prisão, elas poderiam ser encaminhadas a Florianópolis, no presídio da Trindade, ao Rio de Janeiro, ou mesmo em Joinville, onde o antigo hospital psiquiátrico Oscar Schneider foi transformado em um campo de concentração para alemães (Perazzo, 2005).

Junto com a vigilância e as prisões, ocorreram apreensões de bens materiais de cidadãos alemães em Joinville e municípios vizinhos, como por

exemplo, instrumentos ópticos e motocicletas. Foi também nessa época em que aconteceram as intervenções federais nas empresas Metalúrgica Otto Bennack e Fábrica de Máquinas Raimann, propriedades de famílias locais de origem alemã. A primeira produzia caldeiras e, conforme Rocha (1997), foram pioneiras nesse ramo em toda a América Latina. Por serem consideradas estratégicas e, de acordo com o Decreto-Lei n. 4807, tornaram-se passivas de confisco federal, algo que realmente ocorreu (Rocha, 1997).

### **Uma cidade em sintonia com o esforço de guerra**

Em meio ao recrudescimento das medidas de nacionalização e as ações contra os cidadãos alemães residentes na cidade, houve a mobilização da população joinvilense em torno do esforço de guerra brasileiro, estimulada pela imprensa periódica local e pela guarnição do Exército Brasileiro existente na cidade, o 13º Batalhão de Caçadores (13º BC).

Entre 1942 e 1945, os jornais *A Notícia* e *Jornal de Joinville* foram os dois principais periódicos em circulação na cidade e pela publicação de cartas, notas oficiais, portarias governamentais, instruções, textos cívicos, campanhas e, naturalmente, do noticiário internacional aproximaram a Segunda Guerra Mundial do cotidiano local, além de contribuir para a constituição de um imaginário midiático segundo o qual, mesmo sendo uma cidade de origem alemã, Joinville e os joinvilenses estavam em sintonia com o esforço de guerra do Brasil.

Contudo, é importante frisar que tudo o que foi publicado pela imprensa joinvilense ao longo do período foi parte de um regime de comunicação orchestrado pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), do governo estadonovista. Criado em dezembro de 1939, o DIP exerceu controle ostensivo sobre a mídia brasileira da época, monopolizando os meios de comunicação (Goulart, 1990).

Entre 1939 e 1945, o DIP teve três dirigentes, sendo o mais conhecido o primeiro deles, Lourival Fontes, que dirigiu o Departamento de 1939 a 1942. O

DIP foi um órgão de natureza federal, estruturado em cinco Divisões mais os Serviços Auxiliares. De acordo com Silvana Goulart (1990), o monitoramento e a censura da imprensa periódica foi responsabilidade da Divisão de Imprensa.

Com a entrada do Brasil na guerra, Goulart (1990, p. 118) explica que:

[...] as notícias sobre a Guerra geralmente continham informações a respeito da participação brasileira. Maciça propaganda em prol dos aliados somava-se a questões de ordem interna, como a mobilização nacional para a luta, a participação da FEB e da FAB, a economia de guerra, o racionamento, os sacrifícios impostos pela conjuntura.

Junto com isso, o regime de comunicação imposto pelo DIP também enfatizou o discurso da unidade nacional em tempo de guerra.

Em Joinville, o mês seguinte à entrada do Brasil no conflito foi marcado pela publicação de diversas cartas escritas por locais, alguns dos autores alemães ou teuto-brasileiros, destinadas, principalmente, ao comando do 13º BC, que repassava suas cópias para publicação nos periódicos locais, a exemplo do Jornal de Joinville. As missivas publicadas manifestaram solidariedade ao governo brasileiro, a vontade de se voluntariar em caso de ação militar e a afirmação de fidelidade, de ser “um bom alemão”, como é possível constatar nos exemplos a seguir, publicados no Jornal de Joinville, na sua edição de 12 de setembro de 1942:

Joinville, 23 de agosto de 1942

Prezado Senhor Comandante

É de uma necessidade expressar a V. Excia., como primeira autoridade militar em Joinville a minha raiva e abominação, sobre o bestial crime praticado em águas territoriais brasileiras. Sim, eu só posso classificar isto como um crime ordinário e, aqueles que o cometeram não foram soldados, mas sim criminosos.

Mas, o que se pode esperar mais do nazismo? Sua história não é uma longa corrente de crimes praticados contra o próprio povo alemão? Por meio de mentiras, enganos e assassinatos, este estrangeiro tomou o poder sobre o povo alemão e, cometeu todos

estes crimes em nome do povo.

Eu e muitos outros homens alemães esperam o dia em que as armas estarão prontas, com as quais a Alemanha será limpa desta peste nazista, como se limpa um chiqueiro.

Um alemão sincero (Vão limpar [...], 1942, p. 4).

Na mesma página, outra carta assinada por outro alemão residente na cidade, também endereçada ao Tenente Coronel Luiz Corrêa Barbosa, na época, comandante do 13º BC:

Excelentíssimo Senhor Comandante

Mui respeitosamente, por meio desta, tomo a liberdade de dirigir-me à V. Excia., expor minha situação diante das circunstâncias atuais que atravessa a grande nação brasileira, contando-me e citando a minha humilde pessoa, que aqui cheguei dentro dos inúmeros refugiados da política extremista de Hitler, aqui vim encontrar no seio desta grande terra, a verdadeira hospitalidade de um povo magnânimo de alma nobre e acolhedora sem distinção de raça e casta.

Cumpre-me expressar diante dos atentados covardemente desfechados pelas potências do Eixo a esta nação, que tudo devo, a minha extrema indignação, porque como alemão nato e israelita de nascimento, me acho em condições de distinguir o sentimento vândalo que rege aquelas nações com o rótulo de civilização e o verdadeiro sentimento elevado do povo brasileiro.

Acho desnecessário citar aqui que tive a ocasião de presenciar sobre as atrocidades infringidas aos não arianos.

Nessa hora trágica que o mundo atravessa em que se unem os povos para a libertação da humanidade, sinto-me estimulado pelo exemplo dos meus primos, que como eu também foram vítimas da baixa política hitlerista e que hoje servem como soldados do exército inglês, expresso nesta o meu sentimento de solidariedade ao Exército Brasileiro pondo a inteira disposição dessa unidade os meus préstimos para a defesa do Brasil.

Com um “V” pela vitória do Brasil, tenho a honra de subscrever-me com a mais alta estima e distinta consideração.

Atenciosamente

(as) – Kurt Neulander

Funcionário da Madeirense do Brasil S.A. (Mais adesões [...], 1942, p. 2).

A comunhão com o discurso de unidade nacional em tempo de guerra também foi expressa por meio da publicação de artigos de caráter cívico e de matérias sobre as campanhas em prol do esforço de guerra em curso na cidade. Ao examinar as páginas dos jornais locais, é possível constatar uma vontade de dissociar Joinville de imagens relacionadas aos quistos étnicos ou mesmo ao quinta-colunismo. “Joinville é um pedaço do Brasil”, anuncia o título de um longo artigo publicado no jornal *A Notícia*, em sua edição de 28 de abril de 1944. “O espetáculo que Joinville oferece aos olhos do observador sereno [...] é semanalmente confortador para os que sempre confiaram no sentimento patriótico do homem do Brasil, cruzasse onde cruzasse a latitude e a longitude de seu nascimento [...]”, escreve o jornal (Joinville [...], 1944, p. 1).

O artigo, cuja autoria é anônima, destaca o trabalho disciplinado e diligente do operário joinvilense, que se iguala ao ritmo dos demais trabalhadores do Brasil, todos comprometidos com o cumprimento dos compromissos assumidos pelo país, “em desagravo das ofensas recebidas da parte do totalitarismo que pretendia dominá-lo pela traição e com as Nações Unidas para salvar a civilização do retrocesso à selvageria bárbara que pretende escravizar o mundo [...]” (Joinville [...], 1944, p. 1).

A partir do terceiro parágrafo, o artigo constata que todos os conscritos locais atenderam a convocação feita pelo Exército e, sem “trânsfugas” (deserções), apresentaram-se no processo de seleção para o Corpo Expedicionário. “Um e outro, operários ou soldados, cumprem em Joinville seu sagrado dever com a Pátria” (Joinville [...], 1944, p. 1).

Escrito e publicado no contexto do embarque do contingente do 13º BC para servir na Força Expedicionária Brasileira (FEB), originalmente denominado Corpo Expedicionário, o texto confirma sua convicção de que “[...] para sempre Joinville é um pedaço do Brasil” (Joinville [...], 1944, p. 1).

Embora a publicação seja de abril de 1944, desde, pelo menos, o início da Campanha de Nacionalização, em 1938, *A Notícia* e *Jornal de Joinville* veicularam escritos e imagens de caráter cívico, que valorizaram a brasiliidade, vinculando

a cidade a um sentimento de pertença ao ideal estadonovista de Brasil. Longe de ser um quisto étnico de gente de origem estrangeira inassimilável, Joinville estava em sintonia com o resto do país, sendo uma cidade tão brasileira quanto as demais.

É também possível observar no artigo a emulação da propaganda de guerra aliada, por meio do uso das palavras “Nações Unidas” e “totalitarismo”, bem como da noção salvacionista da causa aliada, representada como uma luta da civilização contra a barbárie. Segundo explica Sean Purdy (2011), nos Estados Unidos, a Segunda Guerra Mundial é recordada como uma boa guerra, uma luta da democracia contra o totalitarismo, da civilização contra a barbárie. Com a entrada o Brasil no conflito, o regime de comunicação passou a veicular exclusivamente material de origem aliada, em particular, estadunidense, que introduziu no público brasileiro seus discursos e símbolos, como a letra “V” e a palavra vitória (Cytrynowicz, 2000).

Viva Brasil, terra formosa!  
Invencível foi e será, sempre grandiosa!  
Tudo pelo Brasil, firme e altaneiro;  
O Brasil sempre foi e será dos brasileiros;  
Ressurgirá a glória de nosso brio;  
Iremos cantar a vitória de nossa pátria;  
A terra que Cabral descobriu!  
Vani Melin, aluna do curso Complementar do Grupo Escolar  
‘Conselheiro Mafra’ (Colaboração [...], 1942, p. 4).

A “mocidade estudantil”, como nomeada na imprensa local, é mencionada com certa frequência tanto nos jornais quanto nos informes do comando do 13º BC veiculados ao público pelos Jornal de Joinville e A Notícia. Tal como os meios de comunicação, o Estado Novo exerceu forte controle sobre a educação escolar, especialmente, nas zonas de colonização estrangeira, através dos processos de nacionalização do ensino (Monteiro, 1984).

Com o título “Mais adesões ao Brasil”, foi transcrita pelo Jornal de Joinville uma carta do Grupo Escolar Olavo Bilac endereçada ao Comandante do 13º BC, com a seguinte mensagem: “Tudo faremos pela honra e vitória da nossa

querida Pátria. Alunos e docentes" (Mais adesões [...], 1942, p. 2).

É possível acompanhar pelas páginas dos periódicos citados um esforço de demonstrar o engajamento do público joinvilense no esforço de guerra, principalmente, por meio da contribuição com campanhas de arrecadação de metais e donativos em dinheiro para as forças armadas, especialmente, após a declaração brasileira de guerra, em 31 de agosto de 1942:

Prezado senhor

Com o mês entrante, setembro, dar-se-á o nosso primeiro aniversário de atividades comerciais nesta praça. E, querendo, pelo transcurso desta data, proporcionar uma festividade para o povo em geral, que sempre nos brindou com sua preferência, resolvemos organizar uma campanha pró aquisição do avião bombardeiro "Baependi", para o que já temos a colaboração espontânea do D.D. Comandante do 13º Batalhão de Caçadores e da D.D. Diretora do Ginásio Bom Jesus. O programa das festividades constará de uma partida de bola ao cesto e outra de vôlei entre as equipes do Batalhão e do Ginásio, que serão realizadas no salão do Cine Rex, gentilmente cedido por aquela empresa. Noticiamos ainda que haverá animada "soirée", caso as autoridades permitam, em seguida das partidas esportivas.

Desejamos obter pleno êxito nesta iniciativa pelo que vimos solicitar a sua colaboração nesta campanha, fazendo profusa campanha por esse seu conceituado jornal.

Tais festividades realizar-se-ão no dia 30 de setembro, com o que acreditamos ser possível uma profícua propaganda para essa finalidade patriótica, cujos esforços reverterão ao auxílio da aquisição de mais uma arma para a defesa e segurança de NOSSO SOLO.

Antecipadamente agradecemos pelo que V.S. se digne em anunciar durante o mês entrante. Outrossim, informamos que o custo dos convites será de R\$ 5\$000 [cinco mil Réis] para cavalheiros e R\$ 2\$000 [dois mil Réis] para as senhoritas e estudantes. Cientes de que com os dados acima e o presado amigo conseguirá o necessário para uma boa e eficiente propaganda, firmamo-nos com estima e consideração, muito

Atenciosamente,

p.p. Bazar Recorde Ltda.

Ary Azevedo Santos  
Gerente (Sadio [...], 1942, p. 2)

Nas páginas iniciais da síntese que escreveu sobre a participação militar brasileira na Segunda Guerra Mundial, Ricardo Bonalume Neto (2021, p. 29) afirma que é “[...] difícil permanecer neutro quando acontece uma guerra mundial. Se o país não vai à guerra, a guerra pode vir até ele”. No caso do Brasil, a entrada no conflito tornou a situação ainda mais grave na medida em que, a despeito da propaganda oficial, as forças armadas da época não possuíam recursos humanos e materiais suficientes para uma guerra de tal magnitude, conforme evidenciado por outros autores, a exemplo de Francisco Ferraz (2005).

No caso específico da Força Aérea Brasileira (FAB), ela foi criada em 1941 e contava com pouco mais de 400 aeronaves quando da entrada do país na guerra. Tal como a Marinha, a FAB foi engajada na Campanha do Atlântico (1942 – 1945) e tomou parte no patrulhamento das águas territoriais brasileiras e na luta contra as *blitzen* dos submarinos do Eixo contra as embarcações do Lloyd Brasileiro. Seguindo o exemplo de Assis Chateaubriand (1892 – 1968), na época proprietário da rede Diários Associados e o mais influente homem de imprensa brasileiro, surgiram campanhas para arrecadação de fundos para aquisição de hidroaviões militares que seriam doados para a FAB (Bonalume Neto, 2021).

No nordeste catarinense, o jornal O Aço, de São Bento do Sul, promoveu a campanha pela aquisição do avião “vingador”, conforme informa Carlos Camprestrini (2008). Já em Joinville, foi promovida a “Campanha Pró-Avião ‘Baependi’”, cujo nome é uma alusão ao navio homônimo que foi uma das cinco embarcações do Lloyd Brasileiro afundadas pelo submarino alemão U-507, em agosto de 1942.

Segundo o relato publicado no Jornal de Joinville:

A contribuição popular pró-avião “Baependi” foi um movimento espontâneo, belo e altamente significativo, onde ressaltam o sentimento de brasiliade e a nítida compreensão da fase delicada

e difícil por que passa a nossa Pátria.

Auxiliaram os joinvilenses, dentro de suas possibilidades, a campanha iniciada com entusiasmo cívico impressionante, neste rincão do nosso Brasil, visando a aquisição de um bombardeiro, que deverá ser batizado com o nome de “Baependi”, sintetizando nosso revide ao inominável atentado contra a Marinha Mercante nacional praticada pelos totalitários e simbolizando a nossa férrea vontade, nosso frustíssimo desejo de vingar aquelas preciosas vidas, traíçoeiramente e selvagemente arrebatadas do seio da grande família brasileira.

Praza aos céus possamos, no menor lapso de tempo possível, ter o imenso prazer de erguermos os olhos para o azul do firmamento, lobrigar o “Baependi”, evoluindo majestosamente nas alturas, devassando o espaço, em sua missão de defender nossa integridade e soberania das arremetidas dos inimigos da civilização.

O total das contribuições entregues ao Comando do 13º BC foi de 2:764\$100 [dois milhões, setecentos e sessenta e quatro mil e cem Réis], assim discriminados:

Bandeira do Grupo Escolar “Conselheiro Mafra – 1:700\$00  
América F. C – 560\$000  
Harmonia-Lira (Sessão Cívica do dia 07 de Setembro) – 504\$100  
(Avião [...], 1942, p. 1)

A coleta de contribuições para a campanha pelo avião “Baependi” prosseguiu até dezembro de 1942, conforme é possível conferir nos Boletins Internos do antigo 13º BC. Paralelamente, também ocorreu a Campanha Nacional de Aviação (CNA), cujas doações vinham sendo recebidas pelo comando do Batalhão desde o início de abril daquele ano.

Na tabela a seguir, foram tabulados os valores doados durante a Campanha Pró-Avião “Baependi” e seus respectivos doadores:

**Tabela 1** - Valores recebidos pelo comando do 13º BC na Campanha Pró-Avião “Baependi”

Doador (a)	Valor em Réis	Data
Funcionários da empresa Germano Stein	2.047.800	01/09/1942
Empresa Cinematográfica Van Biene	4.098.000	02/09/1942
Comunidade do Itaperiú	615.000	04/09/1942

Sr. Osório Alves Rodrigues	20.000	04/09/1942
Funcionários da empresa Hoepcke S.A.	275.000	04/09/1942
Jogo de futebol: América F.C. x Paranaense F.C.	560.000	10/09/1942
Arrecadações na Sociedade Harmonia-Lira	504.000	10/09/1942
Bandeira do Grupo Escolar Conselheiro Mafra	1.700.000	10/09/1942
Comunidade do Itaúm	331.000	12/09/1942
Comunidade de Paratí	1.415.400	18/09/1942
Sr. Germano Schatmann	5.000	21/09/1942
Funcionários da União Mercantil Brasileira S.A.	669.100	03/10/1942
Funcionários da EMPRESUL S.A.	Cr\$ 176,00	10/12/1942

**Fonte:** 13º Batalhão de Caçadores (1942a, 1942c).

Ao longo do período de guerra, foram promovidas novas campanhas em Joinville e municípios vizinhos, como por exemplo, em São Bento do Sul, onde as damas do Núcleo Municipal da Legião Brasileira de Assistência (LBA) se envolveram na confecção de cachecóis que seriam enviados aos expedicionários brasileiros em serviço militar na frente italiana, ao mesmo tempo em que a imprensa da região atualizava a população acerca das campanhas militares no Mediterrâneo, na Europa Oriental e no Extremo Oriente, com destaque, a partir de 1944, para as atuações da FEB e do 1º Grupo de Aviação de Caça na Itália.

### O 13º BC vai à guerra

O 13º Batalhão de Caçadores<sup>9</sup> foi uma das unidades de infantaria ligeira do Exército Brasileiro instaladas em Santa Catarina, durante o final da década de 1910, em um contexto caracterizado reestruturação e expansão da força terrestre pelo país, possivelmente intensificado, pelo menos no Sul do Brasil, após o reconhecimento do estado de guerra entre os governos brasileiro e do Império Alemão (Guedes; Oliveira Neto; Olska, 2008).

Seus primeiros efetivos chegaram a Joinville em março de 1918, sendo recebidos de bom grado pela imprensa e população locais. Conforme interpretaram Guedes, Oliveira Neto e Olska (2008), a instalação de uma guarnição do Exército na cidade foi mais que um fato militar, pois ela representou um símbolo de desenvolvimento e modernidade de um lugar que, aos poucos, abandonava as feições de uma colônia estrangeira fundada em meados do século XIX.

Especialmente, após a inauguração da sua sede, em 1º de outubro de 1922, o “batalhão” (como a guarnição até hoje é denominada por parte da população joinvilense) se tornou uma autoridade cívica e militar em Joinville, com uma estreita relação com as elites econômicas e sociais locais. Em diversos momentos da sua história, essa autoridade foi expressa, como por exemplo, durante a Campanha de Nacionalização (1938) e a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial (Guedes; Oliveira Neto; Olska, 2008).

Interessa para este trabalho a Segunda Guerra Mundial, na medida em que, além de colaborar com a mobilização da sociedade joinvilense para o esforço de guerra do Brasil e de exercer uma vigilância ativa sobre a comunidade teuto-brasileira local, bem como sobre os cidadãos do Eixo radicados na cidade, os efetivos do 13º Batalhão de Caçadores contribuíram com a salvaguarda do litoral norte de Santa Catarina, no contexto da Campanha do Atlântico e das *blitzen* de submarinos alemães contra os navios do Lloyd Brasileiro, e com a formação do Corpo Expedicionário / Força Expedicionária Brasileira (FEB), por meio da seleção e envio de conscritos e militares da ativa para a cidade do Rio de Janeiro, onde a FEB foi reunida e despachada para o teatro de operações italiano, entre 02 de julho e 07 de dezembro de 1944.

Logo após ter incorporado ao seu efetivo os recém-convocados reservistas da Classe de 1920, o comando do 13º BC ordenou o deslocamento da sua 1ª Companhia de Fuzileiros (1ª Cia Fzo) para o município de São Francisco do Sul, vizinho de Joinville. Fundado em 1658, São Francisco do Sul é uma cidade portuária estratégica para o norte e nordeste catarinenses. Durante a Segunda Guerra Mundial, uma das suas ilhas recebeu uma pequena base de abastecimento naval, conhecida popularmente como a “base da ilha da Rita”, além de sediar o Forte Marechal Luz, localizado na ponta de João Dias (ou morro do alemão), na barra norte de acesso marítimo a São Francisco do Sul. Lá, entre 1915 e 1954, foi a sede da 5ª Bateria Independente de Artilharia de Costa, do Exército.

Entre 1942 e 1944, os efetivos da 1ª Cia Fzo do 13º BC patrulharam a zona portuária de São Francisco do Sul e um trecho do litoral norte catarinense que partia dessa cidade e chegava aonde hoje está localizado o município de Barra

Velha. Essa missão fez parte do esquema de defesa do território brasileiro, traçada pelo comando do Exército Brasileiro da época, conforme explica Manoel Thomaz Castello Branco (1960). Como em outras partes do litoral brasileiro, em 1942, o tráfego marítimo no litoral catarinense também estava em perigo. Assim, ele acabou sendo incluído no esquema de comboios montado para proteger a navegação de cabotagem no litoral brasileiro dos submarinos do Eixo, que até 1944, realizaram incursões pelas águas territoriais do Brasil (Bonalume Neto, 2021; Pereira, 2015).

Sob as ordens da 5<sup>a</sup> Região Militar (Curitiba, PR), os efetivos da 1<sup>a</sup> Cia Fzo partiram de trem rumo a São Francisco do Sul, em 10 de outubro de 1942, chegando pouco depois das 15 horas do mesmo dia. No destino, foram instalados em um galpão pertencente à empresa americana Standart Oil Company of Brazil, a ESSO. O empréstimo do imóvel foi negociado entre o Estado-Maior da 5<sup>a</sup> Região Militar (5<sup>a</sup> RM) e a filial brasileira da ESSO, conforme evidencia uma carta de 23 de outubro de 1942, enviada ao General Newton Cavalcanti, na época comandante dessa RM:

Temos a satisfação de levar ao conhecimento de V. Excia., de que a nossa casa matriz, com sede no Rio de Janeiro, autorizou, a vista da situação atual, o uso do nosso armazém existente na cidade de São Francisco do Sul (Santa Catarina), pela 5<sup>a</sup> Região Militar, sob o digno comando de V. Excia., livre de pagamento de qualquer aluguel e independente de vistoria. A mencionada propriedade desta Companhia já foi entregue, em data de 3 de outubro corrente, ao Snr. Capitão Mario Ribeiro dos Santos, do 13. BC de Joinville, conforme comunicação por ele assinada e discriminativa dos móveis entregues. Rogamos a V. Excia. as suas ordens no sentido de nos ser devolvido o referido armazém nas mesmas condições em que foram entregues, tão logo cessem as causas anormais que determinaram seu aproveitamento por parte do comando desta Região. Sempre ao inteiro dispor das prezadas ordens de V. Excia., firmamo-nos muito atenciosamente.

Standart Oil Company of Brazil.

(a) I. F. Wollemann, Gerente (13º Batalhão de caçadores, 1942b, p. 1.883).

Apesar de o 13º BC realizar o trabalho de patrulha, estava sob a responsabilidade da 5ª RM a organização da defesa do território brasileiro sob sua jurisdição, ou seja, nos estados do Paraná e de Santa Catarina. Daí, o gerente da ESSO dirigir-se àquele comando. De acordo com Castello Branco (1960), os comandos das Regiões Militares ficaram responsáveis por organizar e gerenciar as operações de defesa em suas respectivas áreas.

A respeito da aparência do armazém cedido aos fuzileiros do 13º BC, o ex-combatente José Alves da Silva (2002, p. 32), na época Terceiro Sargento, faz a seguinte descrição:

O alojamento das praças era de assoalho no meio e, nos lados, os corredores com 5 metros de largura eram de barro. No final do galpão ficava um compartimento de madeira de 10x5 metros que fora um antigo escritório, onde instalamos o dormitório dos Sargentos solteiros.

Em suas memórias, Silva (2002, p. 32), ainda recordou que, em frente ao armazém cedido à companhia, “instalou-se o comando, sargento [sic.], subtenente cozinha dos sargentos. No portão de saída ficava a sentinela e, ao lado, próximo da baía, ficava o rancho dos cabos e soldados, depósito de mantimentos e a barbearia do Bibi”.

Inicialmente, somente um pelotão saiu em missão, sendo enviado para o campo de pouco de Iperoba com o objetivo de guarnecer-lo. Naquela época, o campo estava sendo utilizado pela recém-criada Força Aérea Brasileira (FAB). Contudo, devido ao alto índice de casos de malária diagnosticados no local, o seu uso se tornou inviável, lembra Silva (2002). Enquanto isso, o comando da companhia tratava de organizar suas próximas atividades em São Francisco do Sul, elaborando suas escalas de serviço, distribuindo os seus homens e escolhendo os locais de patrulha e de instalação dos seus postos de observação (Silva, 2002).

A responsabilidade pela vigilância e defesa de São Francisco do Sul e sua faixa litorânea foi dividida entre os efetivos do 13º BC e da 5ª Bateria Independente

de Artilharia de Costa, no Forte Marechal Luz. Segundo o Boletim Interno de 26 de junho de 1943, o Tenente Helio Ferreira da Cunha foi o oficial do 13º BC de ligação entre o comando dessa organização militar (OM) e as autoridades municipais de São Francisco do Sul. Havia destacamentos do batalhão de Joinville patrulhando as praias de Ubatuba, Enseada, Morretes, Barra do Sul, Itapema do Norte e Pontal (Silva, 2002).

Durante uma das patrulhas pelas praias de Barra Velha, os efetivos do 13º BC acolheram um grupo de naufragos da Marinha dos Estados Unidos, em serviço militar no litoral catarinense. O fato ocorreu em julho de 1943 e rendeu uma carta de agradecimento do Observador Naval dos Estados Unidos no Brasil, Howard White, ao comando do 13º BC, bem como de um dos naufragos recolhidos, o Tenente John E. Allen, do U.S. Army:

Aproveito os primeiros momentos para enviar a V. Excia. E a todos os demais responsáveis os meus mais sinceros agradecimentos junto aos dos marinheiros americanos pelo auxílio e hospitalidade carinhosa prestado aos sobreviventes encontrados em Barra Velha. Estou sumamente grato pela bondade e grande colaboração, salientando a amizade cordial do povo e todas as autoridades civis e militares manifestando aos nossos compatriotas.

(a) Howard White – Observador Naval (13º Batalhão de Caçadores, 1943a, p. 175).

Alguns dias depois, foi registrada a entrada da carta assinada pelo Tenente Allen:

Prezados amigos

Ao experimentarmos expressar com palavras nossa grata apreciação por tudo que por nós fizestes durante o tempo que fomos vossos hóspedes, chegamos à conclusão de que é uma impossibilidade virtual, porque palavras são por demais inadequadas.

Todavia, nós vos científicos que a nossa estadia entre vós foi deveras agradável e o que jamais esqueceremos.

Vós demonstrastes de uma maneira tangível que nossos dois países estão juntos mais do que aliados num conflito afim de que

defendamos nosso modo de vida. Somos amigos e possuímos as mesmas ideias e esperanças.

Nossas fotografias chegaram esta manhã e estão deslumbrantes. Cientifico-vos que as mesmas gozarão de um lugar de honra em nossos álbuns.

Mais uma vez, agradecemo-vos a todos vós por tudo. Deus os abençoe.

Sinceramente,

(a) John E. Allen – Lt. U.S. Army (13º Batalhão de Caçadores, 1943b, p. 181).

A 1ª Companhia de Fuzileiros do 13º BC permaneceu em São Francisco do Sul entre outubro de 1942 e meados de 1944, quando recebeu ordens para retornar a Joinville, conforme registrou o Major Heryaldo Silveira de Vasconcellos Filho ([19--]). Durante o período, houve um rodízio entre os efetivos do 13º BC, que serviram por um determinado tempo em São Francisco do Sul, conforme é possível deduzir a partir da leitura dos Boletins Internos, quando eles se referem ao aquartelamento em São Francisco do Sul. Foi constatada uma movimentação regular de militares indo e vindo desse município. Além disso, nas reminiscências de José Alves da Silva (2002, p. 41), encontramos mais uma evidência a respeito de tal rodízio, quando, em outubro de 1943, “os sargentos que haviam completado 1 ano de permanência em São Francisco do Sul foram substituídos, retornando a Joinville”.

Durante o período em que a 1ª Cia Fzo esteve aquartelada em São Francisco do Sul, ela sofreu uma única baixa, o falecimento do soldado Basílio Balaba por afogamento, durante um banho de mar, na hora da educação física, no começo de dezembro de 1942 (13º Batalhão de Caçadores, 1942c, p. 2.104).

Ao mesmo tempo em que as atividades em São Francisco do Sul eram encerradas, o comando do 13º BC iniciou o processo de seleção de pessoal para o então recém-criado Corpo Expedicionário. “No início de março começou a inspeção de saúde, cuja Junta de Saúde de Joinville era composta de 16 médicos civis de várias especialidades e por médicos do Exército e laboratórios de análise” (Silva, 2002, p. 41).

Sabe-se que os exames de seleção para a FEB foram iniciados em março de 1944. Entretanto, as informações sobre o contingente do 13º BC disponíveis nos Boletins Internos são parcias e se referem apenas sobre a partida de um primeiro escalão dessa guarnição, em 29 de abril de 1944. Aliás, esse foi um evento documentado e celebrado. Homenagens aos expedicionários foram prestadas na sede do 13º BC, onde, às 8 horas do dia 28 de abril, foi celebrada uma missa campal, conduzida pelo então bispo da diocese de Joinville, “com a assistência das autoridades locais, Oficiais do Corpo, famílias, damas da Legião Brasileira de Assistência, representantes da imprensa e povo” (13º Batalhão de Caçadores, 1944b, p. 749).

Após o culto, leu-se o boletim do comando do batalhão, sendo distribuído os distintivos do Corpo Expedicionário e presentes aos futuros expedicionários. Durante a tarde, ocorreram novas homenagens. Às 15h30, o primeiro escalão do 13º BC fez um desfile de despedida pelas principais ruas de Joinville, como evidencia a figura 1. A parada terminou em frente à Sociedade Ginástica de Joinville, onde o núcleo municipal da Legião Brasileira de Assistência (LBA) serviu um lanche para os expedicionários (13º Batalhão de Caçadores, 1944b, p. 749).

**Figura 1** - Efetivos do contingente do 13. BC destinados ao Corpo Expedicionário, durante um desfile pelas ruas de Joinville.



**Fonte:** 62º Batalhão de Infantaria (Joinville, SC).

Na manhã seguinte, às 6 horas, o primeiro contingente deslocou-se para a estação ferroviária de Joinville e embarcou rumo a Curitiba. Segundo as ordens do comando do 13º BC todos os oficiais da guarnição deveriam estar lá para fazer suas últimas despedidas e para prestar suas últimas homenagens (13º Batalhão de Caçadores, 1944a, p. 755).

Nos dias seguintes, 30 e 31 de abril, outros dois escalões partiram para Curitiba, somando um total de 214 homens enviados pelo 13º BC para compor a FEB, segundo informa Vasconcellos Filho ([19--]). Após a partida desses contingentes, as informações sobre os cidadãos-soldados enviados cessaram. As únicas referências a eles são dois telegramas de felicitações ao comando do batalhão pelo envio dessas pessoas e pelas manifestações de apoio da comunidade local à FEB. O primeiro, assinado pelo comandante da 5ª RM, o General Agostinho Santos, tem o seguinte teor:

Recebi vosso telegrama datado de 28 do corrente. Felicito pela grande manifestação de brasiliade demonstrada pelas autoridades e pelo povo de Joinville ao contingente dessa Unidade, destinado DD da 1ª DIE. São homenagens que animam e fortalecem o militar, fazendo-o marchar altaneiro ao cumprimento do dever a todo custo.

Gen. Agostinho Santos, Cmt da 5ª RM (13º Batalhão de Caçadores, 1944c, p. 805).

Já o segundo, possui conteúdo similar, foi assinado pelo então interventor estadual, Nereu Ramos. “Agradecendo-lhe a comunicação das homenagens prestadas aos contingentes destinados à FEB, retribuo efusivamente as suas congratulações e felicito a brilhante união sob o seu digno comando pelo entusiasmo cívico com que vem acudindo ao chamamento da Pátria” (13º Batalhão de Caçadores, 1944c, p. 105).

Entre maio de 1944 e final de 1945, as únicas informações publicadas nos Boletins Internos sobre a FEB são genéricas e relativas à sua burocracia.

## Considerações finais

A Segunda Guerra Mundial atingiu 72 países e provocou a morte de mais de 60 milhões de pessoas, a maioria civil, conforme informa Ferraz (2022). Seus reflexos chegaram aos mais variados cantos do mundo, até mesmo uma pequena cidade brasileira, que na época não tinha mais de 40 mil habitantes: Joinville.

Em Joinville, os anos iniciais do conflito chegaram ao público, especialmente, por meio da imprensa periódica que publicou grande quantidade de material fotojornalístico, além de matérias e notas sobre a guerra na Europa.

A partir de 1942, especialmente, após a declaração brasileira de guerra, em 31 de agosto, os reflexos da Segunda Guerra Mundial se tornaram mais intensos na vida cotidiana de Joinville, especialmente, através do recrudescimento das medidas de nacionalização e do controle sobre os cidadãos do Eixo residentes na cidade. Paralelamente, a imprensa local esforçou-se em apresentar Joinville como um lugar em sintonia com o esforço de guerra, divulgando ações da sociedade civil e escritos de caráter patriótico.

Outros aspectos do estado de guerra foram as ações do antigo 13º Batalhão de Caçadores, que participou ativamente da difusão de um imaginário patriótico em uma cidade de colonização alemã, além de se envolver com a defesa do litoral nordeste de Santa Catarina, com suas patrulhas em São Francisco do Sul. Ainda sobre o 13º BC, a guarnição foi responsável pelo recrutamento e envio de cidadãos-soldados para servirem na Força Expedicionária Brasileira (FEB), que participou de operações militares na frente italiana, entre 1944 e 1945.

Em 08 de maio de 1945, a Segunda Guerra Mundial na Europa foi encerrada, com a rendição incondicional da Alemanha, após o suicídio de Adolf Hitler, em Berlim, no dia 30 de abril. Apesar do conflito continuar no Extremo Oriente e acabar definitivamente somente em 02 de setembro, a vitória aliada no continente europeu foi celebrada em quase todo o mundo.

Se a entrada do Brasil no conflito, em agosto de 1942, foi motivo de

manifestações de apoio na cidade de Joinville, o fim da guerra na Europa foi bastante celebrado. Em mais uma das histórias familiares do autor deste artigo, conta-se que seu bisavô, Juvenal Macedo, bebeu demais e acabou tomando um “porre” em uma festa pelo fim da guerra. Discursos e manifestações no centro de Joinville estiveram na ordem do dia. Nas passeatas, cartazes com os símbolos e as imagens dos líderes aliados, como por exemplo Winston Churchill, e do próprio Getúlio Vargas ajudaram a memorizar as personagens principais da guerra, como aparecem nos registros fotográficos feitos na ocasião e que fazem parte do acervo do Arquivo Histórico de Joinville (AHJ). Era hora de comemorar e de esperar o retorno dos cidadãos-soldados joinvilense e de municípios vizinhos que serviram na FEB, enviados pelo 13º BC.

Contudo, nem todos voltaram para casa. Entre os joinvilenses que estiveram na frente italiana, morreram os expedicionários Alfredo Estevão da Silva, Gerhardt Holz e Augusto Gonçalves Cardoso (Guedes; Oliveira Neto; Olska, 2008).

## Referências

- 13º BATALÃO DE CAÇADORES. *Boletim interno*, Joinville, 28 abr. 1944a
- 13º BATALHÃO DE CAÇADORES. *Boletim interno*, Joinville, 27 abr. 1944b
- 13º BATALHÃO DE CAÇADORES. *Boletim interno*, Joinville, 5 maio 1944c
- 13º BATALHÃO DE CAÇADORES. *Boletim interno*, Joinville, 27 jul. 1943a
- 13º BATALHÃO DE CAÇADORES. *Boletim interno*, Joinville, 3 ago. 1943b.
- 13º BATALHÃO DE CAÇADORES. *Boletim interno*, Joinville, 21 set. 1942a
- 13º BATALHÃO DE CAÇADORES. *Boletim interno*, Joinville, 6 nov. 1942b.
- 13º BATALHÃO DE CAÇADORES. *Boletim interno*, Joinville, 10 dez. 1942c
- ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. *O método nas Ciências Naturais e Sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa*. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 2004.
- AVIÃO “Baependí”. *Jornal de Joinville*, Joinville, 12 set. 1942.

- BONALUME NETO, Ricardo. *A nossa Segunda Guerra: os brasileiros em combate, 1942-1945*. São Paulo: Contexto, 2021.
- CAMPESTRINI, Carlos Augusto. *São Bento do Sul na Segunda Guerra Mundial*. São Bento do Sul: Editora JL, 2008.
- CASTELLO BRANCO, Manoel Thomaz. *O Brasil na II Grande Guerra*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1960.
- COELHO, Ilanil. É proibido ser alemão: é hora de abrasileirar-se. In.: GUEDES, Sandra P. L. de Camargo (org.). *História de (i)migrantes: o cotidiano de uma cidade*. 2. ed. Joinville: Editora Univille, 2005.
- COLABORAÇÃO escolar. *Jornal de Joinville*, Joinville, 11 set. 1942.
- CYTRYNOWICZ, Roney. *Guerra sem guerra: a mobilização e o cotidiano em São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Geração Editorial, 2000.
- FALCÃO, Luiz Felipe. *Entre ontem e amanhã: diferença cultural, tensões sociais e separatismo em Santa Catarina no século XX*. Itajaí: Editora da Univali, 2000.
- FÁVERI, Marlene de. *Memórias de uma (outra) guerra: cotidiano e medo durante a Segunda Guerra Mundial em Santa Catarina*. 3. ed. Florianópolis: Insular, 2024.
- FERRAZ, Francisco Cesar. *Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Contexto, 2022 (Temas Fundamentais).
- FERRAZ, Francisco Cesar.. *Os brasileiros e a Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005 (Descobrindo o Brasil).
- GOULART, Silvana. *Sob a verdade oficial: ideologia, propaganda e censura no Estado Novo*. São Paulo: Marco Zero, 1990. (Onde está a República?).
- GROSSE, Bernhard Armin Max. *Salvo-conduto especial emitido pela Delegacia Regional de Polícia*. Joinville, 25 abr. 1945.
- GUEDES, Sandra P. L. de Camargo; OLIVEIRA NETO, Wilson de; OLSKA, Marília Gervazi. *O Exército e a cidade: Joinville e seu batalhão*. Joinville: Editora Univille, 2008.
- IBGE. *Joinville*. Rio de Janeiro: IBGE, 2024. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/joinville/panorama>. Acesso em: set. 2024.
- JOINVILLE é um pedaço do Brasil. *A notícia*, Joinville, 28 abr. 1944, p. 1.

- KOHLS, Wolfgang. *Salvo-conduto especial emitido pela Delegacia Regional de Polícia*. Joinville, 2 fev. 1945.
- KOSELLECK, Reinhart. *Estratos do tempo: estudos sobre história*. Rio de Janeiro: Contraponto: PUC-Rio, 2014.
- LIEBEL, Vinícius. *Os alemães*. São Paulo: Contexto, 2018. (Povos e civilizações).
- MAIS ADESÕES ao Brasil. *Jornal de Joinville*, Joinville, 17 set. 1942.
- MAIS UM depoimento contra o Fueher. *Jornal de Joinville*, Joinville, 12 set. 1942, p. 4.
- MINAYO, Maria Cecília S; SANCHES, Odécio. Quantitativo – qualitativo: oposição ou complementaridade? *Cadernos de saúde pública*. Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 239 – 248, jul./set. 1993.
- MONTEIRO, Jaecyr. *Nacionalização do ensino: uma contribuição à história da educação*. Florianópolis: UFSC, 1984.
- PERAZZO, Priscila Ferreira. *Prisioneiros de guerra: os “súditos do Eixo” nos campos de concentração brasileiros (1942-1945)*. São Paulo: Humanitas: Imprensa Oficial, 2005.
- PEREIRA, Durval Lourenço. *Operação Brasil: o ataque alemão que mudou o curso da Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Contexto, 2015.
- PRESOS quando falavam alemão no Café Ravache. *Jornal de Joinville*, Joinville, 16 out. 1943. p. 1.
- PURDY, Sean. O século americano. In.: KARNAL, Leandro et. al. *História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- ROCHA, Isa de Oliveira. *Industrialização de Joinville – SC: da gênese às exportações*. Florianópolis: [s. n.], 1997.
- SADIO nacionalismo. *Jornal de Joinville*, Joinville, 2 set. 1942.
- SEYFERTH, Giralda. *Imigração e cultura no Brasil*. Brasília: Editora UnB, 1990.
- SILVA, Janine Gomes da. *Tempo de lembrar, tempo de esquecer... As vibrações do Centenário e o período da Nacionalização: história e memórias sobre a cidade de Joinville*. Joinville: Editora Univille, 2008.

SILVA, José Alves da. *A saga de um catarina na FEB*. 2. ed. Florianópolis: Secretaria de Estado da Casa Civil: IOESC, 2002.

VÃO LIMPAR a peste nazista? *Jornal de Joinville*, Joinville, 12 set. 1942.

VASCONCELLOS FILHO, Heryaldo S. *História do “nosso” batalhão*. [S. l.: s. n., 19--].

## Notas

<sup>1</sup>Doutor em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ (2020); Professor adjunto na Universidade da Região de Joinville - UNIVILLE.

<sup>2</sup>O autor dedica este trabalho às memórias de sua bisavó Anna e de sua tia-bisavó Lauda, representantes de uma geração que testemunhou a Segunda Guerra Mundial e seus inúmeros reflexos no cotidiano e, principalmente, nas memórias individuais e sociais.

<sup>3</sup>Com o objetivo de viabilizar a narrativa deste artigo, serão chamados de alemães as populações que emigraram do território em que, desde 1871, está localizada a Alemanha. Contudo, é importante esclarecer que até a unificação dos estados que formavam a “antiga Alemanha” (*Altdeutschland*), as identidades culturais eram locais e restritas às fronteiras das unidades políticas que, em 1871, foram unificadas em torno do Império Alemão (*Kaiserreich*), conforme é possível ler na literatura especializada, a exemplo do trabalho de Vinícius Liebel (2018).

<sup>4</sup>Annelise Grosse. Entrevista concedida a Dilney Fermínio Cunha. Joinville, 27 set. 2000.

<sup>5</sup>E. Lenschow; M. Lenschow, Entrevista concedida a Maria Judite Pavesi. Joinville, 30 maio 2000.

<sup>6</sup>A. Maia. Entrevista concedida a Maria Judite Pavesi. Joinville, 1 jun. 2000.

<sup>7</sup>V. Meyer. Entrevista concedida a Edgard Schatzmann e Maria Judite Pavesi. Joinville, 14 set. 2000.

<sup>8</sup>O. Merckle. Entrevista concedida a Dietlinde Clara Rothert, Edgard Schatzmann e Maria Judite Pavesi. Joinville, 26 set. 2000.

<sup>9</sup>Em 16 de janeiro de 1973, por meio da Portaria n. 11/72, de 14 de novembro de 1972, o 13º BC, assim como as guarnições do Exército Brasileiro localizadas em Blumenau e Florianópolis, passou a ser denominado 62º Batalhão de Infantaria, denominação esta que ele possui até hoje (Guedes; Oliveira Neto; Olska, 2008).

